

REVISEA

REVISTA SERGIPANA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Pesquisas em EA que se valem de Etnografias em suas metodologias

Research in EA that uses Ethnographies in its methodologies

Investigación en EA que utiliza Etnografías en sus metodologías

**Sheylene Tathiana LAGES¹
Marlécio MAKNAMARA²**

Submetido em: 23/07/2025

Aceito em: 02/09/2025

Publicado em: 30/09/2025

RESUMO

O estudo em tela apresenta um levantamento empírico das publicações brasileiras, em nível de pós-graduação, que se alinham tematicamente à Educação Ambiental e utilizam metodologicamente os Estudos Etnográficos em seus procedimentos. Trata-se de um “estado da arte” que se propõe a revisitar publicações científicas para compreender a periodicidade da socialização desses estudos, as regiões do país de onde se originam, os programas de pós-graduação aos quais se vinculam, os tipos de documentos e a operacionalização etnográfica desses textos acadêmicos. Para a coleta de dados, foram utilizadas informações de quatro bases digitais, a saber: a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, o Estado da Arte da Pesquisa em Educação Ambiental do Brasil – EArte, a Associação

¹ Universidade Federal da Paraíba.

² Universidade Federal da Paraíba.



Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd, e o Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental – EPEA. A partir dos dados coletados, foi possível discutir a relevância temática da Educação Ambiental metodologicamente associada aos Estudos Etnográficos e como esses estudos têm conferido visibilidade ao tema nos meios de publicização científica. Por fim, são apresentadas as considerações finais, que reconhecem a regularidade e consistência da área e apontam a necessidade de novas pesquisas que contemplem o tema aqui abordado. **Palavras-chave:** Educação Ambiental; Estado da Arte; Estudos Etnográficos.

ABSTRACT

The present study offers an empirical survey of Brazilian postgraduate publications that are thematically aligned with Environmental Education and methodologically employ Ethnographic Studies in their procedures. This is a “state of the art” review aimed at revisiting scientific publications in order to understand the frequency of dissemination of such studies, the regions of the country from which they originate, the postgraduate programs to which they are linked, the types of documents, and the ethnographic operationalization of these academic texts. For data collection, information was gathered from four digital databases, namely: the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), the State of the Art of Research in Environmental Education in Brazil (EArte), the National Association of Graduate Studies and Research in Education (ANPEd), and the Research Meeting on Environmental Education (EPEA). Based on the collected data, it was possible to discuss the thematic relevance of Environmental Education when methodologically associated with Ethnographic Studies, and how such studies have contributed to increasing the visibility of the topic within academic dissemination platforms. Finally, the final considerations are presented, which recognize the regularity and consistency of the area and point out the need for new research that contemplates the theme addressed here.

Keywords: Environmental Education; Ethnographic Studies; State of the Art.

RESUMEN

El presente estudio presenta un levantamiento empírico de las publicaciones brasileñas, a nivel de posgrado, que se alinean temáticamente con la Educación Ambiental y emplean metodológicamente los Estudios Etnográficos en sus procedimientos. Se trata de un “estado del arte” que propone visitar publicaciones científicas con el fin de comprender la periodicidad de la socialización de estos estudios, las regiones del país de donde se originan, los programas de posgrado a los que están vinculados, los tipos de documentos y la operacionalización etnográfica de estos textos académicos. Para la recolección de datos, se utilizaron informaciones de cuatro bases digitales, a saber: la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones – BDTD, el Estado del Arte de la Investigación en Educación Ambiental en Brasil – EArte, la Asociación Nacional de Posgrado e Investigación en



Educación – ANPEd, y el Encuentro de Investigación en Educación Ambiental – EPEA. A partir de los datos recolectados, fue posible discutir la relevancia temática de la Educación Ambiental metodológicamente asociada a los Estudios Etnográficos y cómo estos estudios han conferido visibilidad al tema en los medios de divulgación científica. Finalmente, se presentan las consideraciones finales, que reconocen la regularidad y consistencia del área y señalan la necesidad de nuevas investigaciones que contemplen la temática aquí abordada.

Palabras clave: Educación Ambiental; Estado del Arte; Estudios Etnográficos.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo teve como objetivo principal a compreensão do cenário de publicações, em nível de pós-graduação, dos estudos alinhados à Educação Ambiental e que tenham como base metodológica os Estudos Etnográficos. Este objetivo converge com o conceito de “estado da arte”. De acordo com Vasconcellos, Nascimento da Silva e De Souza, “[...] tais estudos são propostos para possibilitar a análise crítica apontando tendências, congruências e divergências subjacentes” (Vasconcellos; Nascimento da Silva; De Souza, 2020, p. 02). E pressupõe um olhar prévio de estudos anteriores para fundamentar novas construções científicas.

Revisitar estudos da Educação Ambiental (EA) que se aliam aos Estudos Etnográficos e suas publicações no Brasil nos abre uma relevante aproximação do panorama científico deste tema. Nesse sentido, norteou-se pela problemática: no contexto das publicações em nível de pós-graduação, como as perspectivas etnográficas têm se relacionado com a Educação Ambiental no Brasil? Partindo deste questionamento basilar, foi possível levantar hipóteses, como: as pesquisas etnográficas em EA se concentram em maior quantidade nos Programas de Pós-Graduação vinculados à Educação; os estudos obrigatórios para titulação de mestrado e doutorado configuram a maioria das publicações da área; autores e autoras de pesquisas etnográficas que se aliam à EA utilizam-se desta ferramenta metodológica de modo diverso e variável.



Desta forma, este estudo busca refletir as nuances das pesquisas vinculadas aos programas de pós-graduações brasileiras publicadas ao longo dos anos. Somando-se a isso, visou promover um debate sobre a pertinência e a periodicidade dos estudos que enfocam a Educação Ambiental centrados metodologicamente nos princípios metodológicos etnográficos, já que “O Brasil é um país que tem efetuado um papel protagônico nesse debate” (Layrargues, 2004, p. 8), construindo uma observação do contexto no qual esses estudos se relacionam e se aliam.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Aqui, compreendemos a Educação Ambiental fundamentada pelo conceito de tecnologia política voltada a fabricar princípios de inteligibilidade ecológica e formas de relação com a natureza (Maknamara, 2025). Isto corrobora com a perspectiva defendida por Reigota, compreendendo que a EA se configura em “um instrumento poderoso para a formação de uma consciência ecológica e cidadã” (Reigota, 2007, p. 53). Ele defende que a educação ambiental deve ser encarada como um instrumento de justiça social, capacitando as pessoas a agirem de maneira crítica e responsável diante dos desafios ambientais atuais. Isso porque “[...] as práticas de educação ambiental vão engajar-se na disputa por valores éticos, estilos de vida e racionalidades que atravessam a vida social” (Carvalho, 2004, p. 19). É neste sentido que Maknamara afirma:

Quando se quer sair da cultura do menos acionada por aquele dispositivo pedagógico, pode ser interessante explorar e abrir possibilidades com a educação ambiental, a começar pelas formas como olhamos e questionamos nossas representações e relações com a natureza (Maknamara, 2012, p. 16).

Esta perspectiva se alinha aos estudos pós-críticos, que tomaram força no campo científico brasileiro em meados da década de 1990, quando, segundo



Maknamara, passaram a problematizar: “[...] as transformações na economia, na política e na cultura para focalizar reestruturações que o neoliberalismo, movimentos sociais e viradas epistemológicas vinham provocando na educação” (Maknamara, 2021, p. 182). Ainda segundo o autor, as perspectivas pós-críticas buscam a legitimação e o acolhimento dos mais diversos fenômenos ligados à sociedade contemporânea, já que:

[...] se por um lado as teorias pós-críticas significam crítica e recusa a formas canônicas de conhecimento, por outro lado implicam em acolhida, experimentação e legitimação de formas alternativas que assumem e privilegiam o dissidente, o local, o parcial e o provisório nos processos de conhecer em educação (Maknamara, 2021, p. 182).

Somou-se a isso a relevância dos Estudos Etnográficos como metodologia investigativa, em cujo âmbito, segundo Foote Whyte (2005), os pesquisadores e pesquisadoras se esforçam para entender os fenômenos sociais dentro de seu contexto natural. Isso significa considerar a influência de fatores históricos, culturais, econômicos e sociais sobre o comportamento e as interações das pessoas. No campo educacional, os Estudos Etnográficos se destacam como uma abordagem investigativa em que o(a) pesquisador(a) se propõe a vivenciar a realidade do outro para gerar novos conhecimentos. No entanto, não é suficiente apenas experienciar essas realidades, é necessário também promover um debate: “Além de incorporá-las e vivenciá-las, o etnógrafo precisa escrever sobre elas para inserir-se em um debate que se propõe científico” (Rosistolato; Pires do Prado, 2014, p. 59).

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza empírica e tem um caráter bibliográfico. Segundo Matos e Vieira, “[...] é realizada a partir de um levantamento de material com dados já analisados, e publicados por meios escritos e eletrônicos, com livros, artigos



científicos, páginas de Web sites, sobre o tema que desejamos conhecer” (Matos; Vieira, 2002, p.40). Portanto, todos os materiais utilizados nesta pesquisa estão disponibilizados em sites oficiais e são de domínio público.

Trata-se de um “estado da arte”, já que este tipo de pesquisa, de acordo com Vasconcellos, Nascimento da Silva e De Souza (2020), tem o objetivo “de “olhar para trás”, rever caminhos percorridos, portanto, possíveis de serem mais uma vez visitados por novas investigações, favorecendo a sistematização, a organização e o acesso às produções científicas e à democratização do conhecimento” (Vasconcellos; Nascimento da Silva; De Souza, 2020, p. 02). Este movimento oportuniza uma reavaliação sistemática dos métodos, procedimentos e construções apresentadas nas pesquisas científicas desenvolvidas no Brasil.

Para a análise dos dados, pautamo-nos de referenciados(as) teóricos (as) basilares e/ou contemporâneos(as), tais como: Reigota (2007), Geertz (2008), Da Matta (1978), Velho (1999), Malinowski (1976), Vasconcellos; Nascimento da Silva; De Souza (2020), Megid Neto; Santana; Allmeida (2024), Silva; Silva (2021) entre outros. Estes aportes teóricos nos guiaram de forma substancial a construir uma reflexão norteadora dos fenômenos elencados nesta pesquisa.

Nessas concepções, torna-se evidente, mais uma vez, a importância e a urgência de produzir e socializar os estudos científicos. E, assim como Costa (2007), entendemos que “Pesquisar é um ato social. [...] A investigação científica é, sobretudo, um trabalho coletivo” (Costa, 2007, p. 154), sendo relevante sua discussão, propagação e releitura constante.

3.1 Percurso de levantamento de dados

Os dados apresentados nesta seção foram coletados entre os dias 5 e 18 de junho de 2024. Todas as buscas foram realizadas em plataformas digitais que



hospedam informações e documentos relacionados à produção acadêmica no Brasil, configurando-se como fontes de dados autênticas e confiáveis.

Tabela 1 - Bases Digitais utilizadas na pesquisa

Bases Digitais	Quantidade de estudos catalogados
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD	73
Estado da Arte da Pesquisa em Educação Ambiental do Brasil – EArte	24
Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED	00
Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental – EPEA	07
Total de Estudos Mapeados	104

Fonte: Elaborado pelos(as) autores(as) (2024)

Nesta busca, utilizamos, como delimitação temporal inicial, o ano 2001, quando as reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) passaram a ter participações substanciais de estudiosos(as) e pesquisadores(as) da Educação Ambiental. Neste período, também se iniciou o Encontro Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA), dando ainda mais relevância e visibilidade ao tema no meio acadêmico.

Durante as buscas, foram utilizados, nas bases digitais que se destinam aos estudos em EA, apenas os descritores “etnografia” ou “etnográficos”. Já quando a base de dados era de abrangência em pesquisas diversas, os descritores “educação ambiental” + “etnografia”. Deste modo, foram mapeados 104 trabalhos publicados sob a temática da Educação Ambiental, utilizando-se, metodologicamente, dos Estudos Etnográficos em sua composição. Sequencialmente, apresentamos os achados e as construções deste levantamento. Finalmente, a análise e a discussão



do material empírico foram desenvolvidas a partir da descrição dos dados identificados nos trabalhos que constituíram nosso *corpus* de análise, utilizando interpretações e diálogos com os referenciais teóricos da área.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES DE PESQUISA

Este levantamento de dados permitiu importantes constatações, como o espaçamento temporal das publicações mapeadas por este estudo, a distribuição geográfica das citações científicas sobre o tema nas cinco regiões do país, os tipos de documentos produzidos e os Programas de Pós-Graduação aos quais esses estudos estão vinculados. Possibilitou também uma análise das perspectivas etnográficas empregadas nestes estudos.

Quanto ao **Ano de Publicação**, os trabalhos ficaram distribuídos da seguinte forma: 2001 (00), 2002 (00), 2003 (01), 2004 (01), 2005 (02), 2006 (04), 2007 (03), 2008 (04), 2009 (03), 2010 (06), 2011 (05), 2012 (12), 2013 (07), 2014 (11), 2015 (03), 2016 (04), 2017 (07), 2018 (11), 2019 (02), 2020 (06), 2021 (04), 2022 (02) e 2023 (06). Estes números demonstram que, mesmo em flutuação, as pesquisas em EA que se aliam aos Estudos Etnográficos estão em constante construção. Este entendimento é compartilhado por Megid Neto, Santana e Almeida (2024), quando dizem: “Todos esses elementos são indicativos de um campo de conhecimento já constituído, [...] de tradição acadêmica e científica, em constante processo de desenvolvimento e consolidação” (Megid Neto; Santana; Almeida, 2024, p.128).

Quanto aos dados referentes às **Regiões do País**, os números alcançados revelam que a variação de publicações oriundas das regiões Nordeste (25) e Sudeste (25) são similares, seguidas pelo Centro-Oeste (15). O Sul (33) tem um valor destacadamente alto, enquanto a região Norte (6) apresenta o valor potencialmente inferior às demais regiões do país. Pode-se observar que a região Norte do país teve um número inferior às demais. Este dado já havia sido observado



por Reigota (2007), quando aponta a necessidade de avanços: “Não são poucas as universidades brasileiras onde o muro da indiferença foi rompido; no entanto, essa possibilidade precisa ser ampliada principalmente nas universidades do norte do país” (Reigota, 2007, p. 53). Neste sentido, o uso da Etnografia como base metodológica pode se tornar um importante aliado da EA: “É importante destacar que a metodologia antropológica é uma ótima ferramenta na busca de um diálogo mais profícuo para superar a cultura etnocêntrica (preconceituosa), que circulava e circula em nossa sociedade atual” (Silva; Silva, 2021, p. 66).

Quando analisamos os **Tipos de Publicações** que envolvem a temática em questão, foi percebida uma prevalência das Dissertações (78) sobre os demais documentos. Já as Teses (19) somaram um número distante das Dissertações, revelando uma prevalência destes documentos em detrimento dos outros. Já os artigos científicos (02) e congressos (05) apareceram timidamente na pesquisa. É o que indicam as bases de dados consultadas no período das buscas. Esta constatação converge com os apontamentos de Vasconcellos, Nascimento da Silva e De Souza (2020), quando afirmam: “Nas diversas universidades do país, no campo da Educação, diferentes pesquisas têm se propagado [...]. A grande maioria das investigações têm sido realizadas no interior dos programas de pós-graduação, em dissertações de mestrado e teses de doutorado” (Vasconcellos; Nascimento da Silva; De Souza, 2020, p. 02).

Já em relação aos **Programas de Pós-Graduação (PPGs)** em que os trabalhos são construídos, a distribuição em ordem alfabética pode ser visualizada deste modo: Agronomia (01), Antropologia Social (03), Ciência e Tecnologia para Recursos Amazônicos (01), Ciências Sociais Aplicadas (01), Desenvolvimento Comunitário (01), Ecologia (03), Educação (Ambiental, Ensino, Ciências do Ambiente) (79), Engenharia Agrícola (01), Geografia (01), Gerenciamento/Gestão/Desenvolvimento Ambiental (10), Políticas Públicas (01), Saúde (01) e Teologia (01).



A predominância dos estudos em Educação Ambiental (EA) que se pautam nos Estudos Etnográficos nos Programas de Pós-Graduação em Educação e áreas correlatas foi confirmada por Megid Neto, Santana e Almeida (2024), quando afirmam: “A produção de conhecimento sobre EA apresenta uma massa crítica considerável de pesquisas científicas, sobretudo decorrente da produção científica em programas de pós-graduação específicos em EA, ou linhas de pesquisa relacionadas à temática ambiental em programas de diferentes áreas” (Megid Neto; Santana; Almeida, 2024, p.127).

Por fim, foi observado que, dos **25** trabalhos publicados emergentes da região Nordeste, 11 são da Paraíba, e 14, de cidades de outros Estados nordestinos. Esses estudos derivam de Programas de Pós-Graduação que, por meio dos professores, incentivam a criação e a manutenção de grupos de estudos voltados para o tema. Esta evidência foi apontada por Megid Neto, Santana e Almeida (2024): “[...] a existência de redes nacionais e internacionais de pesquisadores em EA, que estimulam a disseminação dos conhecimentos produzidos [...]. Citamos as seguintes redes: [...] Rede de Educação Ambiental da Paraíba (REAPB)” (Megid Neto; Santana; Almeida, 2024, p.128). Ainda sobre os estudos publicados por autores(as) paraibanos(as), foram evidenciados os anos em que estes trabalhos foram publicados, a saber: 2006 (1), 2012 (1), 2013 (2), 2015 (1), 2017 (2), 2018 (2) e 2022 (2). Ao analisar esta lacuna temporal entre as publicações em EA na Paraíba, podemos considerar fatores importantes neste processo. Defendemos, assim com Mattioli *et al.* (2024), que “[...] pensar a pesquisa em EA deve passar pelos sistemas materiais, redes sociotécnicas, mobilizações de interesses diversos em torno das questões socioambientais, bem como as formas de produzir e divulgar o conhecimento a partir dessas características de uma coletividade” (Mattioli *et al.*, 2024, p. 190). Fatores que adicionam uma complexidade adicional ao tema.



Diante do levantamento acima descrito, passamos a agrupar os estudos em três eixos pertinentes à metodologia etnográfica. A partir das literaturas norteadoras, foi possível caracterizá-las da seguinte forma:

Tabela 2 - Agrupamento de Estudos

Grupos alinhados de acordo com as perspectivas Etnográficas	Quantidade de trabalhos agrupados
Etnografia como Tradutora de Estranhamentos	64
Articulação Etnográfica	29
Etnografia Incidental	11

Fonte: Elaborado pelos(as) autores(as) (2024)

Este agrupamento considerou a leitura dos resumos, capítulos metodológicos e descrições dos levantamentos de dados apresentados nos textos publicados. Desta forma, nomeamos os grupos de: Etnografia como Tradutora de Estranhamentos, Articulação Etnográfica e Etnografia Incidental. Neste demonstrativo, os números apontam que 61,5% das pesquisadas se enquadram com o primeiro grupo. Já no segundo grupo, a incidência foi de 27,9%, contrapondo-se aos 10,6% do último grupo. Os argumentos para as devidas relações podem ser enunciados por seus autores em suas publicações ou podem ser visualizados por meio da sua escrita. Passamos, portanto, a apresentar e exemplificar alguns destes entendimentos, já que o reduzido espaço de exposição textual não nos permite evidenciar todos os estudos analisados.

Nesta construção teórica, entendemos por **Etnografia como Tradutora de Estranhamentos** aquela que utiliza a metodologia antropológica na busca e na tradução dos estranhamentos, com base metodológica fundada unicamente nos estudos etnográficos. Para isso, o(a) etnógrafo(a) precisa identificar estranhamentos sociais e ocorrências: “que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois



apresentar” (Geertz, 2008, p. 7). Nesta concepção, o(a) pesquisador(a) traduz a voz dos sujeitos e compõe uma fotografia da realidade, abstendo-se de conclusões prévias e entendimentos pré-concebidos. Entendendo a dificuldade deste desprendimento, Da Matta aponta que:

O problema é, então, o de tirar a capa de membro de uma classe e de um grupo social específico para poder – como etnólogo – estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir (ou recolocar, como fazem as crianças quando perguntam os «porquês) o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação (Da Matta, 1978, p. 5).

Um dos trabalhos que destacamos com esta perspectiva é a dissertação de Taffarel (2010), que objetivou destacar as práticas culturais que permeiam o ritual da tatuagem sob a ótica da Educação Ambiental do povo indígena Ikpeng, da aldeia Moygu, Parque Indígena do Xingu, em Mato Grosso. O autor descreve sua metodologia como: “[...] amparada nos pressupostos da etnografia de Clifford Geertz, este estudo utiliza-se de uma variedade de instrumental na obtenção dos dados como entrevistas, observações, imagens, entre outras, que permitirão conhecer a densa rede de relações estabelecida entre os Ikpeng” (Taffarel, 2010, p. 14).

Já a tese de Genz (2014) procurou analisar as transformações que a questão ambiental tem provocado na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e, principalmente, como ela tem influenciado a Educação de seus membros e a formação de suas lideranças jovens. Durante o percurso metodológico, o autor se deparou com um ponto elementar do fazer etnográfico, o qual ele descreveu: “[...] tive que viver, durante todo o processo da pesquisa, esta tensão entre a familiaridade do campo, que me abria portas, e a necessidade de desnaturalizar minha ação etnográfica para que pudesse ter o estranhamento necessário para a constituição de uma experiência etnográfica” (Genz, 2014, p. 21)



Na **Articulação Etnográfica**, consideramos aqueles estudos que utilizam em sua metodologia a etnografia associada a outros métodos de busca e coleta de dados. Essa associação metodológica pode ser enunciada por seu autor ou ter seus relevos apresentados no texto. Estas associações podem ser feitas na etnografia, pois: “A etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa” (Mattos, 2011, p.50).

Estes aspectos podem ser identificados na dissertação de Costa (2016), cuja pesquisa tinha o objetivo de abordar as plantas medicinais como uma potencial estratégia pedagógica para a prática de educação ambiental no ensino de ciências na escola estadual Edmur Arlindo de Oliveira, localizada no município de Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco. Para tanto, ela utilizou-se da pesquisa-ação associada à etnografia. É fato que essas duas metodologias têm contornos similares em muitos aspectos, porém: “Evidencia-se a ideia de que ambos os métodos lançam mão da inserção do cientista no campo de estudo. Porém, eles são capazes de abarcar e recomendar distintos níveis de participação e interferência nas atividades dos grupos sociais estudados” (Morais *et al.*, 2024, p. 296).

Em outro exemplo dos estudos mapeados, podemos elencar a dissertação de Dillenburg (2018), que apresentou como objetivo principal do estudo: analisar a convergência entre os Projetos Políticos Pedagógicos e práticas pedagógicas de duas escolas municipais do interior de Cerro Largo, à luz da Educação do Campo 1, de forma a contribuir com o desenvolvimento local. Segundo a autora: “Como procedimento metodológico foi utilizada a abordagem qualitativa de cunho interpretativista, do tipo estudo de caso, com desenho narrativo e etnográfico de corte transversal” (Dillenburg, 2018). Neste caso, a descrição aponta o estudo de caso como metodologia associada, já que estes procedimentos guardam diferenças:



“O estudo de caso constitui um método de pesquisa de um fenômeno social, através da análise de um contexto específico dessa realidade” (Coimbra; Martins, 2013, p.32).

Por fim, elencamos o grupo **Etnografia Incidental** como aquele em que o(a) autor(a) enuncia a etnografia como metodologia, porém, não desenvolve adequadamente o tripé basilar deste tipo de investigação. A etnografia, de acordo com Angrosino (2009), é um tipo de pesquisa que deve respeitar três etapas primordiais, sendo elas: a observação, as entrevistas e as pesquisas em arquivos. Além disso, defende que outras técnicas possam ser somadas ao trabalho investigativo, considerando que “a boa etnografia é o resultado da triangulação – o uso de múltiplas técnicas de coleta de dados para reforçar conclusões” (Angrosino, 2009, p. 71). Estas etapas devem ser respeitadas, pois:

[...] há uma série de fenômenos de suma importância que de forma alguma podem ser registrados apenas com o auxílio de questionários ou documentos estatísticos, mas devem ser observados em sua plena realidade. A esses fenômenos podemos dar o nome de os imponderáveis da vida real (Malinowski, 1976, p.33).

Exemplificando esta análise, focalizamos a dissertação de Sandes (2010), que traz como principal objetivo demonstrar a contribuição da pesquisa geográfica para a gestão educacional por meio de um estudo etnográfico realizado com estudantes do 3º ano do Ensino Médio de 2009 no Colégio Estadual Ruy José de Almeida (CERJA). Para a coleta de dados, o autor utilizou a observação e as respostas obtidas mediante dez questionários aplicados junto aos alunos. A utilização dos questionários não é vetada nos procedimentos etnográficos, porém, não deve substituir as entrevistas, já que este é: “[...] o procedimento usado para detectar as maneiras de pensar e sentir típicas, hoje tornado habitual entre os pesquisadores de campo. Citar as declarações importantes dos nativos palavra por palavra” (Guimarães, 1980, p.14)



Em outro prisma, a dissertação de Wittmann (2018), que buscou compreender como se configuram os saberes acerca da sustentabilidade de alunos de Graduação em Administração da UFRGS. Segundo a autora:

Para analisar os processos de ensino-aprendizagem e a constituição dos saberes acerca da sustentabilidade foi conduzido um estudo etnográfico onde foram identificadas e descritas as práticas de duas turmas de Graduação em Administração da UFRGS, durante os meses de março e dezembro de 2017 (Wittmann, 2018, p. 7).

Embora não haja um consenso sobre o período apropriado para um estudo etnográfico, é importante compreender que este não deve ser um processo rápido, pois:

[...] para conhecer certas áreas ou dimensões da sociedade é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo razoavelmente longo, pois existem aspectos de uma cultura e de uma sociedade, que não são explicitados, que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado de observação e empatia (Velho, 1999, p. 124).

Diante de tantas nuances, desenvolver um estudo etnográfico traz ao (à) pesquisador(a) grandes desafios, já que: “Etnografia é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo” (Mattos, 2011, p.54), oportunizando à pesquisa científica complexas construções teóricas e sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no levantamento e na análise de dados concretos referentes às publicações científicas brasileiras no âmbito da pós-graduação, focadas no tema Educação Ambiental e utilizando a metodologia dos Estudos Etnográficos, podemos concluir que a maioria das publicações está concentrada em dissertações e teses.



Nesse cenário, as dissertações de mestrado lideram em quantidade, seguidas pelas teses de doutorado. As publicações em revistas especializadas e anais de congressos aparecem em número reduzido, evidenciando uma limitada socialização das pesquisas.

Além disso, constatou-se que, apesar das variações temporais nas publicações, há uma frequência consistente de estudos, mantendo a temática viva nas discussões e construções científicas. A região Sul do Brasil destaca-se como a mais dedicada a estudos e publicações na área da Educação Ambiental, frequentemente utilizando a metodologia dos Estudos Etnográficos, segundo as bases consultadas no mapeamento aqui relatado. Em contrapartida, a região Norte apresenta um número inferior de publicações, afastando-se das demais. No que se refere às pesquisas realizadas na Paraíba, observa-se que os(as) pesquisadores(as) dessa região investigam a temática, mas com maior espaçamento temporal e menor publicização científica. Já no tocante aos aspectos metodológicos utilizados para a realização dos Estudos Etnográficos, foi possível compreender que grande parte dos(as) pesquisadores(as) optou por utilizar o método de acordo com o proposto nas teorias metodológicas fundantes da antropologia social.

Diante dessas observações, fica claro que o levantamento de dados estatísticos em pesquisas científicas é fundamental para o avanço do conhecimento e para o aprimoramento das estratégias de construção científica. Esses dados oferecem uma base sólida para compreender diversos aspectos do processo educacional, possibilitando análises detalhadas que identificam padrões e tendências no desempenho dos(as) pesquisadores(as) em Educação Ambiental no Brasil. Assim, este levantamento serve como ponto de partida para uma análise mais profunda e contextualizada, permitindo identificar tendências, lacunas e padrões nas publicações científicas sobre Educação Ambiental no Brasil, além de abrir caminho para novos estudos sobre a temática.



REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 138 p.
- BRANDÃO, Z.; BAETA, A. M. B; ROCHA, A. D. C. **Evasão e repetência no Brasil: a escola em questão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. *In*: LAYRARGUES, Pomier. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.
- COIMBRA, Maria de Nazaré Castro Trigo; MARTINS, Alcina Manuela de Oliveira. O estudo de caso como abordagem metodológica no ensino superior. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 24, n. 3, p. 31-46, set./dez. 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2696>. Acesso em: 17 ago. 2024.
- CORAZZA, Sandra. O que faz gaguejar a linguagem da escola. *In*: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 89-103.
- COSTA, Marisa V. Uma agenda para jovens pesquisadores. *In*: COSTA, Marisa V. (Org.). **Caminhos investigativos II** – outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio: Lamparina, 2007, p. 143-156.
- COSTA, Walkíria Nádja Oliveira Correia da. **Plantas medicinais como potencialidades pedagógicas no ensino de Ciências e na Educação Ambiental**. 2016. Dissertação (Mestrado profissional em Gestão Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Gestão Ambiental, Instituto Federal de Pernambuco, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/45/Plantas%20medicinas%20como%20potencialidades%20pedag%C3%B3gicas%20no%20ensino%20de%20ci%C3%A2ncias%20e%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20ambiental.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 ago. 2024.



DILLENBURG, Carla Inês. **Escolas do interior do Município de Cerro Largo: uma análise de seus projetos político-pedagógicos e práticas pedagógicas**. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento de Políticas Públicas) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas, Universidade Federal da Fronteira Sul, 2018. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/2170/1/DILLENBURG.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

FOOTE-WHYTE, William. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GENZ, Carlos Alberto. **A Ambientalização em Processos Educativos na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3812/1/459168.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2024.

GUIMARÃES, A.Z.G. **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

LAYRARGUES, Pomier. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

MAKNAMARA, Marlécio. Educação Ambiental e Nordestinidade: desafios à práxis ecologista. **Revista Brasileira De Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 7, n. 2, p. 10–17, 2012. Disponível em: <https://www.repositorio.furg.br/handle/1/3815>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MAKNAMARA, Marlécio. Onde está o/a educador ambiental na formação docente em Biologia e em Geografia? **REMEA – Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 38, n. 3, p. 176–196, 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/13301>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MAKNAMARA, Marlécio. Formação como subjetivação: docentes de ciências diante da cultura ecologista em espaços verdes urbanos. **Sisyphus**, 13(1), p. 176-



196, 2025. Disponível em:

<https://journals.indexcopernicus.com/api/file/viewByFileId/2310878>. Acesso em: 18 jun. 2025.

MALINOWSKI, Bronislaw C. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Tradução de Anton P. Carr. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MATTA, Roberto da. O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues. **Boletim do Museu Nacional: Antropologia**, n. 27, mai., 1978. p.1-12. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/936>. Acesso em: 17 ago. 2024.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. *In*: MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de (Orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. 2. ed. rev. e atual. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.

MATTIOLI, Camila K. K.; KATO, Danilo Seithi; TAROZO, Larissa de Freitas P. S.; CANDIDO, Rejane Leal. Pesquisa em Educação Ambiental como território do conhecimento/do saber: por um olhar transdisciplinar. *In*: CARVALHO, Luiz Marcelo de.; MEGID NETO, Jorge. **Estado da Arte da Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil (1981 – 2020): meta-análises e narrativas de um campo complexo e plural**. Campinas: FE-Unicamp, 2024. Disponível em: <https://editora.fe.unicamp.br/index.php/fe/catalog/view/EducacaoAmbiental/176/886>. Acesso em: 12 jul. 2024.

MEGID NETO, Jorge; SANTANA, Luiz Carlos; ALMEIDA, Richard Fernando Dominginhos. Campo de conhecimento em EA ou campo de pesquisa em EA: diversas denominações, diversos referenciais. *In*: CARVALHO, Luiz Marcelo de.; MEGID NETO, Jorge. **Estado da Arte da Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil (1981 – 2020): meta-análises e narrativas de um campo complexo e plural**. Campinas: FE-Unicamp, 2024. Disponível em: <https://editora.fe.unicamp.br/index.php/fe/catalog/view/EducacaoAmbiental/176/886>. Acesso em: 12 jul. 2024.

MORAIS *et al.* Etnografia e pesquisa-ação: características distintivas desses métodos qualitativos nas ciências sociais. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v.12, n.31, p. 294-311, maio/ago. 2024. Disponível em:



<https://editora.sepq.org.br/rpq/article/download/681/472/4503>. Acesso em: 18 ago. 2024.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, n. 42, p. 377-391, jul./dez., 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/n8ypMvZZ3rJyG3j9QpMyJ9m/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024.

REIGOTA, Marcos. O Estado da arte da pesquisa em Educação Ambiental no Brasil. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 2, n. 1, p. 33-66, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pea/article/view/30017>. Acesso em: 11 jul. 2024.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

ROSISTOLATO, R. P. R.; PIRES DO PRADO, A. P. Etnografia em pesquisas educacionais: o treinamento do olhar. **Linhas Críticas (UnB)**, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4480/4087>. Acesso em: 09 jul. 2024.

SANDES, André Barreto. **Contribuição da pesquisa geográfica para a gestão educacional**: estudo etnográfico no Colégio Estadual Ruy José de Almeida LAJE/BA. 2010. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, 2010. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8000/xmlui/bitstream/handle/BR-SIFE/145/sandes_ab_tmp117.PDF?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 18 ago. 2024.

SILVA, Anderson Vicente; SILVA, Kalina Vanderlei. Etnografia na Educação: Contribuições metodológicas na compreensão da realidade educacional. **Revista Eletrônica Interações Sociais, [S. l.]**, v. 5, n. 2, 2022. DOI: 10.14295/reis.v5i2.13732. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/reis/article/view/13732>. Acesso em: 11 jul. 2024.

TAFFAREL, Korotowi. **Ritual da Tatuagem**: Educação Ambiental e Prática Cultural entre os Ikpeng. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/403265606/slidex-tips-ritual-da-tatuagem-educao-ambiental-e-pratica-cultural-entre-os-ikpeng-korotowi-taffarel-pdf>. Acesso em: 18 ago. 2024.



TEIXEIRA, E. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

VASCONCELLOS, V. M. R. de; NASCIMENTO DA SILVA, A. P. P.; DE SOUZA, R. T. O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento. **Educação**, [S. l.], v. 43, n. 3, p. e37452, 2020. DOI: 10.15448/1981-2582.2020.3.37452. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/37452>. Acesso em: 10 jul. 2024.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. *In*: VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

WITTMANN, Kelly Fabiane Spier. **A aprendizagem baseada na prática e a educação sustentável de alunos de Administração da UFRGS**. 2018. Dissertação (Mestrado em Administração) – Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018, p. 7. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/179280/001068981.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 ago. 2024.

